Aula 2

AS TRÊS FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO

META

Expor a evolução da Análise do Discurso, mostrar a reorientação da disciplina discutindo as características de suas três fases.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Compreender as três fases por que passou a AD, identificando a reorientação teórica da disciplina, mas percebendo o que há de princípio norteador comum nas três etapas.

.

PRÉ-REQUISITOS

Compreensão do objeto de estudo da AD, bem como das condições de seu surgimento.

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Do seu surgimento, no final dos anos sessenta do século passado, aos dias atuais, no começo do século XXI, a Análise do Discurso (AD) sofreu algumas mudanças na ordem de seus procedimentos e de sua orientação teóricas, embora permaneça firme em uma concepção de sujeito que se opõe a de indivíduo, de ser consciente de suas ações, de dono de seu dizer. Também atravessa todo o desenvolvimento da AD a concepção de que a língua é muito mais que um conjunto de regras internas, muito mais que uma estrutura.

No curso do tempo, os estudos da Análise do Discurso podem ser divididos em três momentos ou fases. A primeira se caracteriza pela noção de cada conjunto de discursos idênticos era gerado por uma mesma estrutura, surgindo o conceito de Máquina Discursiva. A segunda fase substitui a noção de Máquina Discursiva pela de Formação Discursiva (FD), ou seja, "um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa." (FOUCAULT: 1969). Já na terceira fase, com o abandono completo da ideia de Máquina Discursiva, entra em cena o conceito de Interdiscurso e os discursos deixam de ser considerados como uma constituição independente, e passam a ser vistos na simultaneidade em que atravessam uma Formação Discursiva.

Vamos à nossa aula!

FASES DA ANÁLISE DO DISCURSO

Nascida no final dos anos sessenta do século XX, ao longo de seu desenvolvimento a Análise do Discurso passou por três momentos definidores, ou três fases.

Primeira fase

Em sua primeira fase, a AD se forma como disciplina, dedicando-se à análise de discursos mais estabilizados. Por estabilizados aqui entendemos menos polêmicos, com menor possibilidade de variação de sentido. Na afirmação de Mussalim (2004), são "discursos produzidos a partir de condições de produção mais estáveis e homogêneas". Um exemplo desse tipo de discurso é o manifesto do Partido Comunista (PC). Enunciado dentro do PC, o manifesto representa seus interlocutores que se acham inseridos no mesmo espaço discursivo, que ocupam posições ideológicas que se assemelham.

Bem diferente seria o discurso do candidato do Partido Comunista num debate de TV com um adversário de ultradireita. Nesse caso, o discurso do PC se dirigiria também a interlocutores situados em outro lugar social, ou seja, no espaço discursivo da direita ultraconservadora.

Teríamos no exemplo uma relação mais conflitante no discurso, isto é, um discurso menos estabilizado, por isso tal discurso não era abarcado pelos propósitos da AD nessa primeira fase.

Ao selecionar *corpora* [plural de *corpus*] fechados, analisá-los linguística e discursivamente e depois demonstrar que as relações identificadas com estes procedimentos são geradas por uma mesma estrutura, a primeira fase da AD constrói a noção de Máquina Discursiva.

Segundo Pêcheux (1983), os processos discursivos são gerados por máquinas discursivas, estas definidas como condições de produção estáveis. Os diferentes processos discursivos são gerados por máquinas discursivas específicas. Assim o manifesto dos comunistas e o dos conservadores são produzidos por máquinas discursivas diferentes.

Segunda fase

Na segunda fase, o conceito de Máquina Discursiva, uma máquina estrutural fechada, começa a ser abandonado, sendo substituído pelo conceito de Formação Discursiva, formulado por Foucault (1969), que a conceitua como

> um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

Uma Formação Discursiva tem o poder de determinar o que pode ser dito levando-se em conta o lugar social que o sujeito ocupa.

Como é fácil de observar, o conceito de Formação Discursiva não pode conviver com o de Máquina Discursiva, uma vez que uma Formação Discursiva se define na relação com outras formações discursivas, portanto não é fechada em si mesma. Ela é sempre atravessada por elementos de outras formações discursivas. Uma Formação Discursiva é constituída por um conjunto de paráfrases, com a retomada e reformulação de enunciados.

Ao deixar de lado o conceito de Máquina Discursiva, a AD ampliou o conjunto de discursos passíveis de análise, pois não mais considerou a noção de discurso estabilizado.

Terceira fase

Quando entra em sua terceira fase, é que a AD deixa de lado completamente a noção de Máquina Discursiva, suplantada pelo conceito da Interdiscursividade. Nesta fase, os discursos deixam de ser vistos como tendo uma

constituição independente, e passam a ser considerados na simultaneidade em que atravessam uma Formação Discursiva. A identidade das formações discursivas é estruturada pela relação interdiscursiva.

O interdiscurso é uma das principais teses da AD. Comentando a definição de Charaudeau & Maingueneau (2002), Possenti afirma que eles definem o interdiscurso como "conjunto de discursos do mesmo campo que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros", isso numa definição restritiva, ou "conjunto das unidades discursivas com as quais um discurso entra em relação explícita ou implícita", isso numa definição mais ampla.

Sobre o momento presente das pesquisas em Análise do Discurso, Pêcheux (2012) afirma:

> As pesquisas atuais tomam essencialmente por objeto o trabalho da heterogeneiade discursiva no jogo das contradições sócio-históricas: analisa-se uma sequência na sua relação com o seu exterior discursivo específico (em particular seus pré-constituídos, seus discursos relatados, etc.) e em relação à alteridade discursiva com que ela se defronta, ou seja, o campo sócio histórico do qual se separa...

Disso compreendemos que na terceira fase já não se considera o discurso como algo fechado em si mesmo, bem ao contrário, ele entra no jogo discursivo com outros discursos dos quais se diferencia e aos quais se opõe.

Vamos voltar aos três conceitos que representam cada uma das fases da Análise do Discurso:

Máquina Discursiva - 1ª fase

Estrutura igual a si mesma e fechada em si mesma, responsável pela produção de diferentes processos discursivos. (PÊCHEUX: 1997)

Formação Discursiva – 2ª fase

"conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa" (FOUCAULT: 1969)

Interdiscurso – 3ª fase

"Todo discurso é atravessado pela interdiscursividade, tem a propriedade de entrar no interdiscurso.
(...)
Em sentido restritivo, o "interdiscurso" é também um espaço discursivo, um conjunto de discursos (de um mesmo campo discursivo ou de campos distintos) que mantêm relações de delimitação recíproca uns com os outros. Assim, para Courtine (1981: 54), o "interdiscurso" é "uma articulação contraditória de formações discursivas que se referem a formações ideológicas antagônicas".
(CHARAUDEAU; MAINGUENEAU: 2004, p. 286.)

FAZENDO ANÁLISE

Vamos, a seguir, analisar um texto do romance Grande Sertão: Veredas, de Guimarães Rosa. Nesta parte do romance, o personagem Riobaldo se vê enredado em dois discursos conflitantes. Por um lado, quer, para sua paz de espírito, convencer a si mesmo de que o diabo não existe tal qual prescreve a doutrina Cristina e nesse intento pede a aprovação de um interlocutor, que nunca se revela de maneira clara na narrativa. Por outro, ao tentar desconstruir esse diabo, digamos bíblico, faz com que ele venha à tona da forma como foi historicamente construído e difundido pela tradição cristã.

Em nossa análise vamos empregar os conceitos de Formação Discursiva, Interdiscurso, Condições de Produção, Formação Ideológica e Sentido.

De primeiro, eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de dificel, peixe vivo no moquém: quem mói no asp'ro, não fantaseia. Mas, agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos dessossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular idéia. O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso...

Explico ao senhor: o diabo vige dentro do homem, os crespos do homem – ou é o homem arruinado, ou o homem dos avessos. Solto, por si, cidadão, é que não tem diabo nenhum. Nenhum! – é o que digo. O senhor aprova? Me declare tudo, franco – é alta mercê que me faz: e pedir posso, encarecido. Este caso – por estúrdio que me vejam – é de minha certa importância. Tomara não fosse... Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião

compõe minha valia. Já sabia, esperava por ela-já o campo! Ah, a gente, na velhice, carece de ter sua aragem de descanso. Lhe agradeço. Tem diabo nenhum. Nem espírito. Nunca vi. Alguém devia de ver, então era eu mesmo, este vosso servidor. Fosse lhe contar... Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens. Até: nas crianças – eu digo. Pois não é ditado: "menino – trem do diabo"? E nos usos, nas plantas, nas águas, na terra, no vento... Estrumes.

... O diabo na rua, no meio do redemunho...

Hem? Hem? Ah. Figuração minha, de pior pra trás, as certas lembranças. Mal haja-me! Sofro pena de contar não...

Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada – motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas – vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. E que isso é? Eh, o senhor já viu, por ver, a feiúra de ódio franzido, carantonho, nas faces duma cobra cascavel? Observou o porco gordo, cada dia mais feliz bruto, capaz de, pudesse, roncar e engolir por sua suja comodidade o mundo todo? E gavião, corvo, alguns, as feições deles já representam a precisão de talhar para adiante, rasgar e estraçalhar a bico, parece uma quicé muito afiada por ruim desejo. Tudo. Tem até tortas raças de pedras, horrorosas, venenosas – que estragam mortal a água, se estão jazendo em fundo de poço; o diabo dentro delas dorme: são o demo. Se sabe? E o demo – que é só assim o significado dum azougue maligno – tem ordem de seguir o caminho dele, tem licença para campear?! Arre, ele está misturado em tudo.

Que o que gasta, vai gastando o diabo de dentro da gente, aos pouquinhos, é o razoável sofrer. E a alegria de amor – compadre meu Quelemém, diz. Família. Deveras? É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses. Só que tem os depois – e Deus, junto. Vi muitas nuvens.

(Grande Sertão: Veredas. Guimarães Rosa. p. 7-9.)

Ao interrogar o interlocutor para confirmar que o diabo existe, mas apenas como a própria condição de existência do homem e da natureza ("O diabo existe e não existe?"), Riobaldo faz surgir o discurso do outro, o discurso do que acredita na existência do diabo como relata a bíblia, como aquele que tentou Jesus, por exemplo ("Bem, o diabo regula seu estado preto, nas criaturas, nas mulheres, nos homens...")

Como observamos, o texto não corresponde a um pensamento único, unificado, a posições ideológicas concordantes. O que constitui o texto é justamente a oposição de pensamentos, de ideologia: o diabo como temível entidade do mal x o diabo como estado de degradação do espírito humano. Ou seja, o texto se constitui pela heterogeneidade discursiva, pelo Interdiscurso, pela presença de discursos conflitantes.

Parte constitutiva indispensável na metodologia da Análise do Discurso é o contexto sócio-histórico, as condições em que o texto foi produzido. No caso do texto acima, temos um jagunço, tipo de fora da lei dos sertões, comum até a metade do século XX, capaz das maiores atrocidades e ao mesmo tempo da manifestação de maior fé religiosa cristã. O ex-jagunço Riobaldo — que teria feito um pacto com o diabo para vingar a morte de seu chefe e amigo Joca Ramiro — encontra-se atormentado com o compromisso assumido com o demônio e a única forma de invalidar o “contato” é declarar que o diabo não existe.

Aí encontramos os dois discursos em conflito: o do demônio historicamente construído pela prática e crença religiosa cristã, prática esta dominante nos sertões e no meio dos jagunços versus o discurso que procura estabelecer o demônio como certas formas do comportamento humano ou da natureza.

Para a AD o sentido é uma construção histórica. Logo, o contexto social e histórico não é apenas importante para o sentido, esse contexto o constitui. Pensemos. Se Riobaldo falasse do lugar de um ateu, não poderia haver o conflito entre essas duas concepções de diabo. Haveria inevitavelmente conflitos ideológicos, mas de outra natureza.

Segundo a definição da AD, o embate de forças em um certo espaço histórico é uma Formação Ideológica.

> Falar-se-á em formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto de luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem “individuais” nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (HAROCHI et. al. Apud BRANDÃO, Helena H. Nagamine. p. 38)

Analisando o conceito de Formação Discursiva (FD) no texto de Guimarães Rosa, conceito este que se define como o lugar onde se dá a articulação entre discurso e ideologia, observamos a interligação de forças opostas: o diabo encarnação do mal x o diabo aspecto da natureza, humana ou não.

CONCLUSÃO

Do conceito de Máquina Discursiva que orientou os trabalhos de Análise do Discurso dos primeiros tempos, final da década de sessenta, ao conceito de Interdiscurso que domina as pesquisas na área atualmente, houve mudanças significativas, passando-se entre um e outro conceito pelo de Formação Discursiva.

Outras noções como a de sujeito também passaram por uma revisão. Do sujeito assujeitado da primeira fase, que passou a sujeito que desempenha papéis na segunda e chegou ao sujeito clivado da terceira fase, dividido entre o consciente/inconsciente, operou-se uma grande mudança conceitual. Entretanto, todas as definições têm em comum o fato de que a noção de sujeito se opõe à de indivíduo, de ser consciente, de dono de seu discurso.

Mas a disciplina mantém inalteradas as concepções de língua, e sentido, por exemplo. Para a AD a língua continua sendo vista como algo bem mais profundo e complexo que uma estrutura (conjunto de regras internas que mantém a organização de um sistema), relativizando-se sua autonomia, considerando-se que sobre essa estrutura atuam sujeitos históricos e ideologicamente constituídos. O sentido se mantém como histórico e ideologicamente constituído, na medida em que a AD não quer atravessar o texto para encontrar-lhe o sentido, e sim responder à pergunta: Como é que este texto significa?

RESUMO

Ao longo do seu desenvolvimento, vimos que a Análise do Discurso pode ser dividida em três fases. A primeira, quando a AD se forma como disciplina, é a época do conceito de Máquina Discursiva, em que se considera que os discursos são semelhantes a si próprios e fechados em si mesmos, sendo, portanto, produzidos pelas mesmas estruturas, ou máquinas discursivas.

A segunda fase introduz a noção de Formação Discursiva (FD), tomada de empréstimo a Foucault (1969), para quem uma FD é

> um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço que definiram em uma época dada, e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa.

A terceira, dominada pelo dito primado do Interdiscurso, afasta-se de vez da concepção de discurso como algo fechado em si mesmo, de discurso

homogêneo, para defender a ideia de que todo discurso é heterogêneo, isto é, atravessado por outros discursos.

Vimos também o conceito de Formação Ideológica.

> Falar-se-á em formação ideológica para caracterizar um elemento (determinado aspecto de luta nos aparelhos) susceptível de intervir como uma força confrontada com outras forças na conjuntura ideológica característica de uma formação social em um momento dado; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem "individuais" nem universais, mas se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classe em conflito umas em relação às outras. (HAROCHI et. al. Apud BRANDÃO, Helena H. Nagamine. p. 38)

ATIVIDADES

1. Cite um conceito central que pode definir cada uma das três fases da Análise do Discurso.
2. A partir da terceira fase, a AD passa a adotar o conceito de Interdiscursividade. Qual a grande mudança dessa concepção em relação à primeira fase, quando se postulava a noção de Máquina discursiva?

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

1. Na resposta devem ser relacionados os conceitos de Máquina Discursiva, Formação Discursiva e Interdiscursividade respectivamente à primeira, segunda e terceira fase.

2. Importante ressaltar na resposta que se trata de uma mudança radical. Com o conceito de Interdiscursividade, a AD abandonou de vez a noção de que um discurso era fechado em si mesmo e que diferentes discursos eram produzidos por diferentes Máquinas Discursivas para adotar o ponto de vista segundo o qual um discurso não é uno, homogêneo, mas heterogêneo, atravessado por outros discursos.

PRÓXIMA AULA

Na aula de número 03, que veremos a seguir, vamos apresentar a noção de sujeito, que tem uma classificação bastante particular e inovadora na Análise do Discurso. Em primeiro lugar, em AD, sujeito se afasta completamente da noção de indivíduo consciente e livre para dizer o que quiser. Veremos que após a noção de sujeito assujeitado, determinado pela história e a ideologia, a AD chegou ao conceito de sujeito clivado, isto é, dividido entre o consciente e o inconsciente.

AUTOAVALIAÇÃO

Concluída esta aula, consigo distinguir as três fases percorridas pela Análise do Discurso do início, final dos anos sessenta, aos dias atuais? Consigo perceber os conceitos que foram reformulados e os que permanecem mais ou menos estáveis? Posso definir Máquina Discursiva, Formação Discursiva e Interdiscurso?

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso.** 7. ed. São Paulo: Editora da Unicamp, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. Trad. Fabiana Komesu. **Dicionário de análise do discurso.** São Paulo: Contexto, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 4.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 7.ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GADET, F.; HAK, T. (orgs.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Ed. da Unicamp, 1990. LACAN, J. **O Seminário** – Livro 17. O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso.** São Paulo: Párabola Editorial, 2010.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. 4. ed. **Introdução à linguística.** São Paulo: Cortez, 2004. v. 2.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso** – princípios e procedimentos. Campinas - SP: Pontes, 2000.
_______. **A leitura e os leitores.** Campinas: Pontes, 1998.
_______. **Discurso e leitura.** São Paulo: Cortez, 2001.
_______. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2001.
_______. **Análise de discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 2002.
PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso.** Textos escolhidos por Eni Puccinellli Orlandi. 3. ed. Campinas: Pontes, 2012.
______. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Traduzido por Eni Pulcinelli Orlandi. et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1988.
PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice (Orgs.). **Legados de Michel Pêcheux** – inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2013.
POSSENTI, Sirio. **Questões para analistas do discurso.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
_______. **Discurso, estilo e subjetividade.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.